

instituição

Estudantes de Economia

As contas do Ensino Superior

Durante dois dias, alunos de todo o País reuniram na UBI. O VII Congresso Nacional de Estudantes de Economia e Gestão foi o cenário perfeito para apresentar o novo estudo sobre o superior. Veiga Simão, autor da nova "carta magna das Universidades", veio mais uma vez à Covilhã falar sobre o que vai bem e mal neste grau de ensino. As contas do superior foram feitas pelos mais de 70 participantes.

No anfiteatro das sessões solenes, Veiga Simão traçou, de modo informal, as linhas mestras do que foi o ensino superior em Portugal. Uma frase no passado, também lembrado pelo professor, um dos mais entendidos na matéria. Até porque, por estas alturas o superior atravessa um período "decisivo de afirmação e mudança", salienta um dos mentores da UBI, perante a sala preenchida por estudantes.

Veiga Simão foi um dos oradores a intervir nos dois dias do VII Congresso Nacional de Estudantes de Economia e Gestão (CNEEG), iniciativa que esteve a cargo do Núcleo de Estudantes de Economia da UBI (UBINEEC). Durante este evento estiveram também na Covilhã outros nomes ligados ao mundo da gestão e das ciências sociais, como António Simões Lopes, bastonário da Ordem dos Economistas.

Contudo, foi a presença de Veiga Simão, ao lado de Manuel Santos Silva, reitor da UBI, que suscitou mais atenções nos presentes. Veiga Simão apresentou os resultados da análise feita ao superior em Portugal. Um trabalho encomendado ao professor pelo Governo. Este relatório, que muitos consideram a futura "carta magna das Universidades", dá especial atenção à situação do Processo de Bolonha.

Urgência em mudar

De tudo o que viu ao longo de quase meio ano, Veiga Simão aponta baterias para o poder político. O antigo ministro da Educação diz mesmo que "Portugal é rei em leis e contra leis". Isto porque, no que se refere ao Processo de Bolonha, os requisitos impostos às Universidades pelo poder político, "só parte foram cumpridos".



Na abertura do congresso

Contudo, os dirigentes da nação dizem que as instituições "têm de estar preparadas para a sua implementação".

O relacionamento entre o poder político e o académico, "não deve obedecer a modelos autoritários". Uma afirmação do professor que ganha ainda mais sentido, quando este fala nas promessas eleitorais de alguns autarcas. Muitos votos são ganhos através de promessas de implementação de Universidades e Politécnicos nas diferentes regiões do País. Sem fugir ao tema, Veiga Simão encarou e explicou o polémico caso de Viseu. A cidade tem ensino superior politécnico e vai surgir, dentro em breve, uma universidade, que para o antigo ministro "deve ser exemplo a seguir". A instituição a criar em terras de Viriato "estará virada para a Europa". A opção deve ser tomada pelas restantes instituições.

Todo o Processo de Bolonha "está virado para a Europa". Este modelo único, que prevê a uniformização do ensino superior no velho continente, vislumbra-se como um desafio "despolitizado" a todas as escolas.

UBI foi caso exemplar

Avaliação e creditação apresentam-se como os dois factores de excelência no Processo de Bolonha. Estes requisitos não têm sido cumpridos por todos os estabelecimentos, refere o autor do estudo sobre o superior. Políticas desregradadas na criação de cursos, de instituições e de licenciados conduziram as Universidades portuguesas "a um autêntico caos".

Veiga Simão destaca, ainda assim, alguns exemplos "bastante positivos", entre os quais inclui a UBI. Na época da sua criação, os estudos prévios, as licenciaturas enquadradas com as necessidades da região e do País e o cuidado na qualidade e excelência "dão agora frutos". O antigo ministro, acabou também por apresentar alguns números comparativos do superior em Portugal e na Europa. Segundo as contas de Veiga Simão, o atraso estrutural do nosso País é de tal forma que "só em 2050 vamos conseguir igualar a média europeia em educação e ensino".

Jornadas pouco concorridas

Para a organização, "este congresso nacional podia ter sido mais concorrido". Segundo os números do UBINEEC estiveram inscritos no evento da UBI, "pouco mais de 70 alunos". As datas, que coincidiram com acções de luta contra a lei de base do ensino superior, "retirou participantes ao evento realizado na Covilhã", adianta Miguel Espírito Santo.

O balanço "é positivo", do ponto de vista da qualidade dos participantes no congresso. O núcleo de economia conseguiu trazer à UBI "nomes bastante importantes nesta área". As próximas acções promovidas por este grupo de estudantes "vão ter contas mais positivas", sublinham os responsáveis. **E.A.**

ponto de vista

A Universidade como Entidade Promotora da Saúde

> Henrique Pereira*

A Evolução que o conceito de Saúde sofreu nos últimos anos criou uma série de desafios a todos aqueles que podem e devem contribuir para a promoção de comportamentos saudáveis, nomeadamente as instituições e as comunidades. Apesar disto, existem poucos trabalhos no nosso País no que diz respeito à aplicação de programas de promoção da Saúde que focalizem no ambiente universitário. Por esta razão, esta reflexão procura chamar à atenção para essa lacuna e, ao mesmo tempo, incentivar a produção de intervenções.

A Universidade é um local único, não só devido à formação académica que ali se oferece e obtém, mas também devido à natureza das experiências humanas que conferem um grande impacto ao nível da consolidação de hábitos de comportamento.

Neste sentido, a Universidade pode assumir-se como um especialista no trabalho de melhorar a Saúde daqueles que acolhe, facilitando um impacto positivo e intervindo ao nível dos determinantes principais que podem influenciar a adopção de comportamentos adequados para a Saúde.

Encarar a Universidade como uma estrutura activa nos processos de mudança comportamental pode ser assustador para uns ou impensável para outros, já que, à partida, são as prioridades académicas que determinam a sua acção. No entanto, parece-me que o potencial e a especificidade da Universidade como um local privilegiado para este tipo de intervenção sobrepõem-se àqueles receios que fazem pensar que a Promoção de comportamentos para a Saúde não é tarefa para a Universidade. De facto, a Universidade pode ser um grande aliado neste trabalho; o grande desafio que se lhe coloca é a necessidade de ser inovadora.

Não se trata apenas de fazer com que a população universitária se comporte mais saudavelmente; não basta fomentar a prática de exercício, a cessação de hábitos tabágicos ou a moderação do consumo de álcool. Trata-se de facilitar na Universidade a implementação de "uma política de criação de condições de vida saudáveis e trabalhar para assegurar que as vozes de todos possam ser expressas" (*Action Statement for Health Promotion*, 1996).

É certo que a intervenção ao nível da Promoção de comportamentos para a Saúde não pode resumir-se à tentativa de mudança dos comportamentos dos estudantes universitários, docentes ou funcionários. A própria definição de comportamento humano abrange uma série de variáveis culturais, sociais, políticas, ambientais e psicológicas que afectam seguramente a Saúde.

A Carta de Otava para a Promoção da Saúde (OMS, 1984) argumenta que a Promoção da Saúde é "o processo pelo qual os indivíduos podem aumentar o seu controlo e assim melhorarem a sua Saúde". Isto quer dizer que, na Universidade, o caminho está na implicação da população universitária na implementação de Programas específicos.

Por outro lado, qualquer intervenção só pode ser levada a cabo depois de um levantamento exaustivo das necessidades específicas na instituição universitária. No entanto, qualquer programa particular de intervenção deve assentar na procura do estreitamento de laços em toda a comunidade educativa.

Algumas das áreas a serem promovidas poderão ser as seguintes: Saúde Física, incidindo sobre doenças específicas (VIH/SIDA, doenças sexualmente transmissíveis, álcool, tabaco, outras drogas, nutrição, cuidados dentários, etc.); Saúde Ambiental, explorando áreas como a qualidade do ar ou a qualidade da água no espaço físico da Universidade; Saúde Psicológica/Emocional/Stress, intervindo ao nível da prevenção da perturbação mental e adaptativa, desenvolvendo programas estratégicos de apoio, como por exemplo, a gestão do stress e da ansiedade, a melhoria dos hábitos de estudo, etc.; Saúde Social (relações com os pares, segurança, etc.); e Bem-estar Económico (pobreza, etc.).

A responsabilidade da Universidade deve ser a de oferecer condições que favoreçam o fortalecimento de um bom ambiente de aprendizagem, ao mesmo tempo que apoia o desenvolvimento cognitivo, emocional, comportamental e social de cada estudante. Assim, o sucesso de programas de promoção da Saúde deve ser suficientemente flexível e coerente com as necessidades académicas e pessoais de todos os intervenientes.

A Promoção dos comportamentos para a Saúde reveste-se de uma enorme importância, dado que possibilita que a doença seja evitada. Neste sentido, trata-se de uma tarefa imprescindível, tarefa esta que tem todo o proveito em ser feita em aliança, implicando os pares e intervindo interdisciplinarmente. É neste sentido que se apresenta a Universidade como um local privilegiado para a Promoção de comportamentos para a Saúde.

hpereira@deimos.ubi.pt
Departamento de Psicologia e Educação
Centro de Promoção e Educação para a Saúde
http://ubista.ubi.pt/~cpes
Universidade da Beira Interior

Volta ao Mundo

Fodé Beaudet

apresenta livro na UBI

"A Caminho de Mim" é o título do livro apresentado pelo canadense Fodé Beaudet na UBI, na passada quinta-feira, 28, a convite da Associação Internacional de Estudantes de Ciências Económicas e Comerciais (AIESEC). Natural da cidade de Montreal, no Canadá, licenciado em Finanças, começou a viajar pelo mundo através de um estágio da AIESEC.

Depois de várias experiências profissionais internacionais, decidiu enveredar pelo mundo da escrita.

Esta obra agora apresentada na UBI, resulta das suas aventuras em diversos países do mundo, e da visão que daí retirou. Austrália, Senegal, África do Sul, Equador, Holanda, Estados Unidos da América, foram alguns dos países que conheceu.

A apresentação de "A Caminho de Mim", que decorreu no anfiteatro 6.1, do Bloco 6, não foi muito participada. Mas Fodé Beaudet deixa a sua mensagem. "O mundo está constantemente a ficar melhor e pior a um ritmo alucinante, disse-me um amigo. É por isso que uma experiência internacional é tão intensa, experimentamos ambos os lados", afirma o viajante e escritor.